
O MENINO COM CORAÇÃO DE PIZZA
E DENTES DE OURO
Luiz Rodolfo Annes
curadoria Luiz Rodolfo Annes
e Patrícia Stuart
MusA
MUSEU DE ARTE da UFPR
PROEC
Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura
UFPR

12 de junho a 8 de agosto de 2025

local: Museu de Arte da UFPR - MusA
2ª a 6ª feira, das 9h00 às 12h00 e das 13h00 às 18h00
Sábados, domingos e feriados: Fechado.
Entrada Franca
Rua XV de Novembro, 695 | 1º andar
Centro | Curitiba | Paraná

O menino com coração de pizza e dentes de ouro

Esgotamentos

Deixamos um rastro, um vestígio, mas para quê? O que é a vida? Um sopro passageiro sobre a terra ou uma semente que não para de crescer? Ele tem se perguntado: o que fiz dos meus dias? Seria melhor o silêncio e o fracasso do que palavras sem sentido? O que fica dessa passagem? Esgotamento ou esperança? Ele busca algo que o conforte. Algo que apazigue essa sua fome insaciável. Ele busca por Deus e faz dos seus gestos de abandono um ritual para se conectar ao sagrado. Senhor, eu quero florescer por Ti. Esse diário, esses desenhos, o que confessam? Nada além de suas fragilidades. Seu desassossego frente ao mundo ao redor. Ele constrói um refúgio que, sem estrutura, desmorona. Uma casca protetora que se corrompe ao menor toque. Ele sangra e grita nessa solidez da solidão. Esse espinho cravado no peito o faz lembrar da noite. Faz vívida essa parte sua conectada à escuridão. Sua voz cansada se desestrutura e ele mergulha em um longo silêncio.

Mergulho

Mergulho no gesto solitário que é desenhar. Traço linhas como se tecesse uma teia, uma armadilha. Armadilha para aprisionar o olhar dos desavisados. O desenho é perigoso, já havia dito anteriormente, e repito: o desenho é como uma lâmina afiada que fere ao menor contato. Nessa teia, não se captura apenas o olho; captura-se também o coração e, depois, o corpo todo. É do corpo do outro que o desenho se alimenta.

Nessa *love story*, o final não é feliz. Nesse mundo feito de catarro e baba, amor e desejo, a terra estremece. Os corpos se desequilibram e se agitam. Os desenhos estão repletos de homens solitários e melancólicos. Há também muitos outros personagens: marcianos descolados, cachorros loucos, meninos viciados. Todos cheios de tesão, em uma aventura sem fim. Os desenhos são rastros de uma passagem. Vão se acumulando ao longo do tempo, contando histórias sem começo, meio ou fim determinados. Desenhar é lançar-se no abismo sem asas para voar. É aprisionar instantes únicos. Na trama da teia, há sexo, morte, violência, amor. Há encontros e desencontros, entrega. Há lentidão, sonho. Há inocência sendo corrompida. Há, nessa trama, um outro tempo. Um tempo que não é o da urgência, diferente dos ponteiros do relógio. Dos pequenos formatos aos grandes papéis, gestos e personagens se repetem. Nas diferentes escalas, a acidez de um humor corrosivo permanece. Um desenho que beira o infantil, que despreza a habilidade técnica. Um desenho que é ânsia e vômito, jorrando do corpo para fora em jatos.

Tremor terremoto

Tudo é mentira calculada. Fricção de palavras, ficção da vida. Quando o amor acontece? Quando os espelhos sangram? No Alasca sou um esquimó enigmático viciado em purpurina. Sou o rato de esgoto iluminado. Sou o Homem Permanecido em meio à tempestade. Sou um animal feroz resistindo ao aprisionamento. Sou um entregador de pizzas encantadas. Dentro de mim, tremores e terremotos. Descubro que a vida não é um acidente. Me dedico a gestos de amor.

É como se tudo fosse móvel e trêmulo: **incluem-se nisso as paredes, as pedras e as palavras**

A baba escorre entre as paredes que estremecem. Nesse calabouço, o que resta é roer o próprio osso ou sonhar. Ambos perigosos. O que há em seu coração? O que há em seu coração? Lágrimas e amores? Ele se perde na escuridão. Ele devora o próprio coração em busca de alimento. Ele agora faz parte das paredes. Seu corpo mistura-se ao corpo delas e ele não sabe mais quem é quem. Sua própria baba é que inunda o ambiente e o afoga. Seu gozo, entre perigos e delírios, é seu leito. Nesse aprisionamento, o que restaria a não ser se deixar levar pelas correntezas? Em outro tempo esse era seu mergulho. Um abandono contínuo e uma entrega arriscada. Quando um homem adentra a própria escuridão, o que acontece? Nesse ambiente nada é estável, nem mesmo as paredes que se acreditavam fixas. O homem solitário abandona a solidez. Ali onde habita tudo é móvel e trêmulo: ele, seu coração, as paredes, as pedras e as palavras. Afinal, ele vive em um mundo feito de catarro. Um mundo sujo e escorregadio, mas ele não o teme. Ele avança cheio de coragem. Não repudia o feio e o maldito que há em todos os seres humanos como ele. Ele ilumina as próprias sombras. Purifica-se no ritual de entrega. Seu corpo é território de disputas. Ele se refaz mil vezes, em mil corpos diferentes. As paredes a sua volta gritam desesperadas. Ele, em silêncio, volta-se para um local dentro de si onde é possível estar em segurança. Do lado de fora, anzóis e espinhos ferindo sua carne frágil, mas não se engane: a dor que antes o consumia agora se dissipa em visões de anjos. De dentro dele nasce um outro eu. Ambos coabitando o mesmo espaço, as paredes.

Fragmentos dispersos de um sonho com pizzas encantadas ou palavras mortas que boiam na poça de baba dentro de minha boca entreaberta

Há nele uma vida que pulsa em segredo. Uma vida dentro da vida ordinária. Algo que rompe a lógica dessa vida atrelada ao consumo. Uma vida de paralisia e desaparecimento. Não é uma fuga. É uma escolha. Prestar atenção àquilo que acontece lentamente ao seu redor. Seu corpo se expande, se dilacera, se corrompe. Seu coração, abrigo da aranha, pulsa calmo. Como se houvesse alguma certeza que o fizesse confiante e cheio de coragem. Ele não ignora os perigos. É tomado frequentemente pelo medo e pela dor, mas ainda persiste. Sangra e se arrasta no solo. Essa paisagem que o alimenta. Sim, a terra o nutre. Ele é parte dela.

As batatas

Anjos escondidos dentro da sua pele. Ele admira as nuvens no céu enquanto espera a tempestade íntima passar. Rodopios e delírio. O Homem Permanecido engole batatas desesperadas. Ele as sente adentrando seu interior. A tristeza está no ar. Céu azul. Sacrifícios. Ele está em busca de purificação. Não há nada que possa ser feito sobre isso tudo. As batatas seguem sendo seu sustento por longo tempo. Enquanto os monstros se alimentam de sangue e de carne humana, ele segue com sua dieta de batatas. Prefere comê-las fritas e acompanhadas de ketchup e Coca-Cola, mas só sobreviveram na terra sick potatoes. Esse é o alimento que lhe resta. Batatas doentes e desesperadas. Para ele, tinham um gosto terrível de medo e angústia. Porém precisava delas

para viver e, antes de engolir uma batata, era preciso acalmá-la com palavras doces e de esperança. Assim, quando o coração das batatas se acalmava, ele as engolia e elas passavam a habitar dentro dele.

Dias gastos na construção que se desfaz. Aonde eu vou depois da destruição?

Sonhos sólidos

Espinhos ferindo a carne. Penetrando na sua intimidade. Lá no fundo, onde ele esconde os segredos da noite trêmula. Tudo muito bem guardado até esse momento em que sangra. Seu sangue alimenta a terra. A ferida foi aberta e agora não há como voltar atrás. Ele busca a cura, mas a cicatriz está presente. Mais uma marca da noite. Assim como a marca da mordida. Ele se envolve na língua do vampiro que o ama sem querer nada em troca. A língua do vampiro o envolve como um abrigo. Ele tem o corpo cercado por montanhas. Céu azul presente neste instante. Ele teme as forças da natureza.

A curiosidade dos corpos que babam

Os corpos, essas máquinas de desejos que babam, despertam curiosidade. Ele descobre o prazer em meio a líquidos perigosos que causam repulsa. Ele bebe da baba de lesmas prateadas. Nesse mundo feito de catarro, ele encontra o amor.

Aprendendo Kung Fu em revistinhas cheias de sacanagem e em quadrinhos perigosos

Ele aprende artes marciais. Ele aprende a arte dos marcianos. Ele aprende que precisa de arte para viver no mundo. Nas revistas cheias de sacanagens, nos quadrinhos perigosos, ele descobre a dobra que revela o delírio de desenhos precários.

Bem-vindo à vida que te esmaga com um rolo compressor

A dor o visita novamente.

O amor desvia na curva perigosa e cai no abismo. Só vemos a explosão fatal, corpos em chamas, chamamentos. Ele conhece a melancolia do choro dos golfinhos tristes. Como eles, chora na tempestade. Quando a vida te esmaga com um rolo compressor, o que fazer? Ele está sozinho na multidão, seguindo o suspeito de um crime.

Cascas de palavras repetidas

Ele, um caçador de palavras. Palavras que se repetem em desordem, em um remix delirante de páginas que vêm e vão. Trechos roubados ou emprestados de outros autores. Escrita colaborativa? Escrita não criativa? Escrita como curadoria? O texto respira novos ares. Deseje-o como quem deseja uma nova vida. O enigma de palavras trocadas. Palavras que se chocam. Que se fundem. Seria ele um fora da lei comentando crimes de apropriações indevidas?

A doença

Ele tem febre. Seu corpo trêmulo e exausto delira mais uma vez. Ele se pergunta: quando surgiu a doença? Quando ela se instalou? Teria sido após a despedida? Ou após a mordida do vampiro? Ele busca a cura para esse mal que o atormenta. Essa fome que nada sacia. Está em uma estrada perigosa. Na beira do abismo, silencia e olha para as profundezas. Lentamente se esgueira pela terra. Enquanto seu corpo se contorce, ele luta. Diz que tudo aquilo era mentira. Que não havia possibilidade de cura para seu mal. Por isso partiu. Por isso esses movimentos, esses gestos desesperados de fuga e desaparecimento. Oh! Quem lhe dera ter um pouco de luz para o guiar nessa escuridão! Ele é um ser da noite, mas acredita nas manhãs iluminadas. Crê ser possível a transformação. Esse corpo que habita é um corpo transitório. Ele está agoniado. Quer respostas para o sentido da vida e não vê saída nesse labirinto. Busca reconectar-se à terra. Nela não obtém a cura, mas ao menos consegue alento. Segue pelo deserto. Visita fronteiras antes desconhecidas. Deseja encontrar a paz interior, porém tudo o consome e o entristece. A solidão da noite, que parecia a solução para tudo, foi um grande engano. Ele pensa no retorno à cidade. No reencontro com afetos perdidos no tempo. Seria isso possível um dia? Não ouviu os chamados do Senhor. Equivocou-se tantas vezes e agora padece desse mal. Está cego, tateando em meio a formas desconhecidas. Fracassou tantas vezes. Fracassou com as palavras e com o amor. O que lhe resta agora? O que lhe resta depois da convalescença? O horror da sua noite ninguém conhece. Ninguém poderia imaginar a sua dor. No peito cheio de aranhas, ainda pulsa um coração. Diante do espelho ele é o monstro sem

reflexo. Carrega consigo sonhos mortos e arrependimentos. Ele precisa se livrar desse peso. Renasce das próprias ruínas mais uma vez. Dança no meio do furacão. Rasga a manhã a caminho do paraíso.

Sonhos indevidos

Ele adentra a noite em busca de sonhos frescos. Seu corpo, cheio de desejo, se contorce. Ele grita como um animal selvagem caminhando para a morte. Morre o corpo sólido e nascem mil outros seres impossíveis de serem descritos. Uma multidão de eus entorpecidos que se agitam e se agigantam. Sonhos indevidos construindo um corpo alado. Horizontes púrpura e sonolência.

Um desenho animado que na verdade é muito triste

Pequenas narrativas sobre corpo, solidão, desejo, erotismo.

Batatas que conversam diante do abismo, batatas que se jogam do abismo, o catarro que escorre e invade toda a paisagem, o gozo de formas flutuantes, um tiro, uma facada, um dedo no olho, corpos que geram outros corpos, corpos se desmembrando, cachorros transando, cachorros mordendo-se, cachorros chicoteando-se, gritos, a baba que escorre, masturbações.

Os personagens, na maioria das animações, são homens que vagam solitários em um estado de delírios e descobertas, encontros e desencontros, desejo e perigo. Sofrem ou infligem a si próprios mutilações, provações da loucura e violência alheia. Algumas vezes os

personagens são batatas, cachorros, animais saídos de uma história em quadrinhos ou de um desenho animado.

As cenas acontecem em ambientes econômicos: uma sala sem saída, linhas do horizonte que lembram uma corda bamba, pequenos traços ou indícios de paisagens, a linha do chão, uma planta, a onda do mar.

Ele bebe o líquido dos vulcões

No seu desejo pela terra, ele bebe o líquido dos vulcões.

Na poça de baba ele sonha castelos desmoronando e unicórnios

Febre e cintilância. A estrela pulsa enquanto homens desabam de precipícios. No céu feito de púrpura, os corpos estão em choque com a terra. Ele tem o coração selvagem. Ele corre nu pela floresta profunda. Na hora do desastre surge a esperança por dias melhores. Ele leva o sonho preso ao corpo que brilha na escuridão. Será ele um vampiro fluorescente? Ou será luz fugaz? Entre os homens, ele baba, construindo um ninho abrigo. Ele é um homem que sente sono. Da sua indigestão ele vomita um corpo que grita.

As paredes

Ele era feito de lágrima e dor, sentia uma alegria tímida às vezes, mas, na essência, no interior dos ossos, era apenas tristeza sem fim.

Para ele a tristeza estava entranhada no seu ser e não havia como se separar dela. Para ele não havia saída daquelas paredes flácidas. Era um homem ou muitos deles dentro de um? No seu transe, antevê o paraíso, e naquele momento era um prisioneiro dentro de paredes feitas de sonho e ilusão. Ele tem o corpo frágil como um pedaço de papel.

O corpo se esgarça

Tenho um corpo. Não. Na verdade, tenho muitos corpos. Um corpo que se amplia e se contrai em movimentos demorados. Lentos demais para que sejam percebidos a olho nu. Um corpo que se estica, estufa, enruga. Um corpo dilacerado que é tensionado ao máximo. Um corpo que se esgarça, se esgota e depois se reordena de mil formas diferentes. Um corpo delicado, massa de carne frágil e delirante. Máquina de desejos ocultados. A baba brilha em meus lábios, que se contorcem em uma dança com o infinito. Cuspo amores impossíveis. Estou entorpecido e nu diante da paisagem que grita. Em meu silêncio de caramujo me arrasto pelo solo deixando rastros úmidos.

Delírios para corpos enclausurados

Peso prisão. A carne corrompida por desejos alucinados. Nesse gozo de iogurte de morango ele se despede dos dias tristes. Ele, que fracassou tantas vezes, agora retoma a caminhada. Fracassos com as palavras, com o amor, com a vida. Das pedras na garganta fez um abrigo iluminado, escapando da escuridão interior. No sonho que volta das profundezas ele recolhe as lágrimas das serpentes. Sim, o sonho se

refaz, escandalizando na noite. Ele procura uma fuga para seu corpo enclausurado entre armadilhas e babas. Ele delira na busca por uma nova existência. Abandona a velha pele.

De boca aberta

Ele engole a terra e fica imóvel, absorvido pela paisagem. Céu escuro, sem estrelas. Na hora fatal seu corpo se dissolve, misturado com o solo. Terremotos. Ele, soterrado por silêncios sobrepostos, se agita. Corre o perigo da noite sem fim. Ele é um animal triste que chora. Busca sentido para seus gestos abandonados. Ele se lança no abismo solitário. Naquilo que todos repudiam, acha um caminho. Na margem, no catarro, na baba. Ele tem mil corpos que dançam na tempestade. Na morte de um deles, nasce outro mais belo, mais brilhante. Ele sonha com a respiração das cavernas distantes. Na voz das pedras descobre a liberdade de ser pedra. Tem fome e não encontra nada para se alimentar. Ele é consumido pela ausência. Em transe, se conecta com o anjo delicado. Ele me sugere o caminho da piedade. Ele joga com a morte uma partida de dados e vence. Na sua febre, ele delira e se transforma em terra. Ele se torna um corpo ampliado em conexão com o mais profundo. Nesse momento se depara com amores perdidos. A aranha sorri. Seu riso o entorpece. Novas palavras escapam da sua boca. Nova vida, feita de baba e amor.

O monstro

Poeira nos olhos, ele se ajoelha e sangra. Há dentro dele um pedaço

feito de escuridão que busca a luz. Sonhos secretos. Ele adentra o fundo do abismo. Ateia fogo em corações de pedra buscando purificação. Ele, um ser envolto em mil peles brilhantes. Ele, um corpo se decompondo diante do testemunho do céu. Cintilações e maldições. Nas entranhas da noite, se faz terra. Nas entranhas da noite, se faz outros corpos. Corpos agitados e contorcidos. Corpos delirantes e cheios de amor. Êxtase diante das chamas que tudo consomem. Não parta sem dizer adeus. Tudo bem que ele fica muito tempo em silêncio. Fica em silêncio aguardando a palavra pura. A palavra viva e pulsante. Aquela que poucos são capazes de dizer. Nesse caminho perigoso, é importante prestar atenção aos seres da noite. Ele é às vezes um monstro estrangeiro. Um vampiro doce, feito de açúcar. Viciando os inocentes. Hipnotizando multidões. Ele, um monstro abismo cheio de desejos. Ele pulsa na vibração de uma estrela que brilha. Sozinho no trem-fantasma, lembra dela e do calor de seu corpo. O tempo consome as peles e ossos, mas o amor persiste. Ele não consegue deixar de amar a terra e as tempestades. Na fábrica de sonhos perdidos, encontra um que remete ao paraíso. Ele, um corpo que se multiplica.

Siga-me até o fim do mundo

Siga-me. Siga-me. Siga-me nas entranhas da terra. Eu espero por você. Tenho esperado por tanto tempo e nada de você por aqui.

Ele segue entre anjos e marinheiros, navegando nesse sonho hipnótico de amores que se perdem e se reencontram. Nesse vaivém, ele se desconcerta. Perde o rumo. É tomado pela grande náusea que o consome.

Vomita restos de um homem silencioso e abre espaço a novas palavras. Sua boca úmida contra a boca da amada.

Se eu tivesse um coração, te amaria, mas dentro de mim só há o labirinto e a aranha.

Ele tenta construir novos corpos para habitar, mas fracassa. Da estrela solitária resta apenas um brilho distante na sua memória. Ele é um animal perigoso. Deveria ser confinado em uma jaula para sempre. Reviravolta do destino. Tentáculos do divino agindo de forma invisível. Ele é vida e morte. Agora é a hora da despedida. A hora em que a sombra encontra com a luz da manhã. Seu corpo se contorce no momento em que se ilumina.

As paredes II

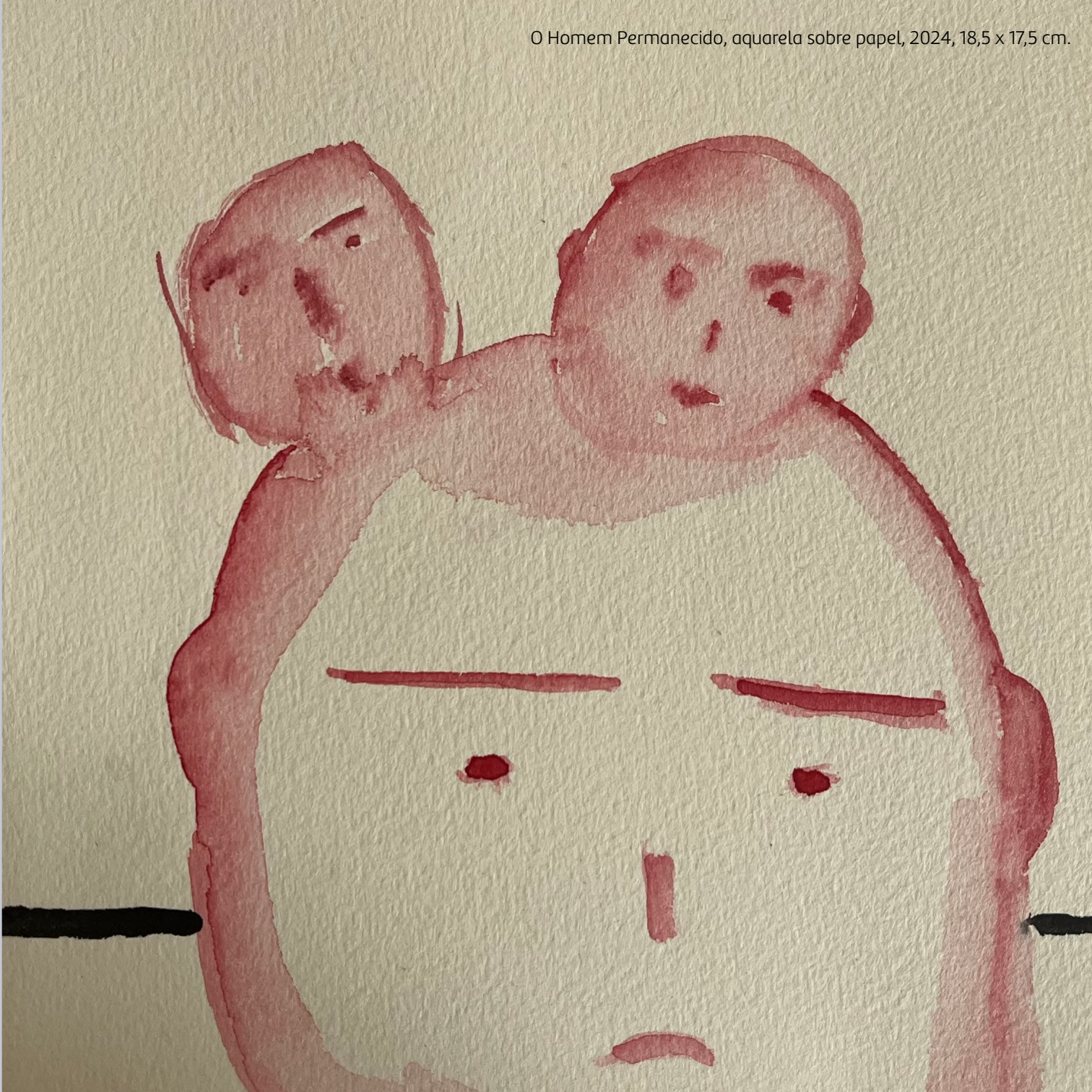
Seu gozo, entre perigos e delírios, é seu leito. Nesse aprisionamento, o que restaria a não ser se deixar levar pelas correntezas? Em outro tempo esse era seu mergulho. Um abandono contínuo e uma entrega arriscada. Quando um homem adentra a própria escuridão, o que acontece? Nesse ambiente nada é estável, nem mesmo as paredes que se acreditavam fixas. O homem solitário abandona a solidez. Ali onde habita tudo é móvel e trêmulo: ele, seu coração, as paredes, as pedras e as palavras. Afinal, ele vive em um mundo feito de catarro. Um mundo sujo e escorregadio, mas ele não o teme. Ele avança cheio de coragem. Não repudia o feio e o maldito que há em todos os seres humanos como ele. Ele ilumina as próprias sombras. Purifica-se no ritual de entrega.

Seu corpo é território de disputas. Ele se refaz mil vezes, em mil corpos diferentes. As paredes a sua volta gritam desesperadas. Ele, em silêncio, volta-se para um local dentro de si onde é possível estar em segurança. Do lado de fora, anzóis e espinhos ferindo sua carne frágil, mas não se engane: a dor que antes o consumia agora se dissipa em visões de anjos. De dentro dele nasce um outro eu. Ambos coabitando o mesmo espaço, as paredes.

Luiz Rodolfo Annes, 2024-2025.

Ópio e poesia, ponta seca, carimbo, aquarela, ano 2000, 38 alt x 35 larg cm.



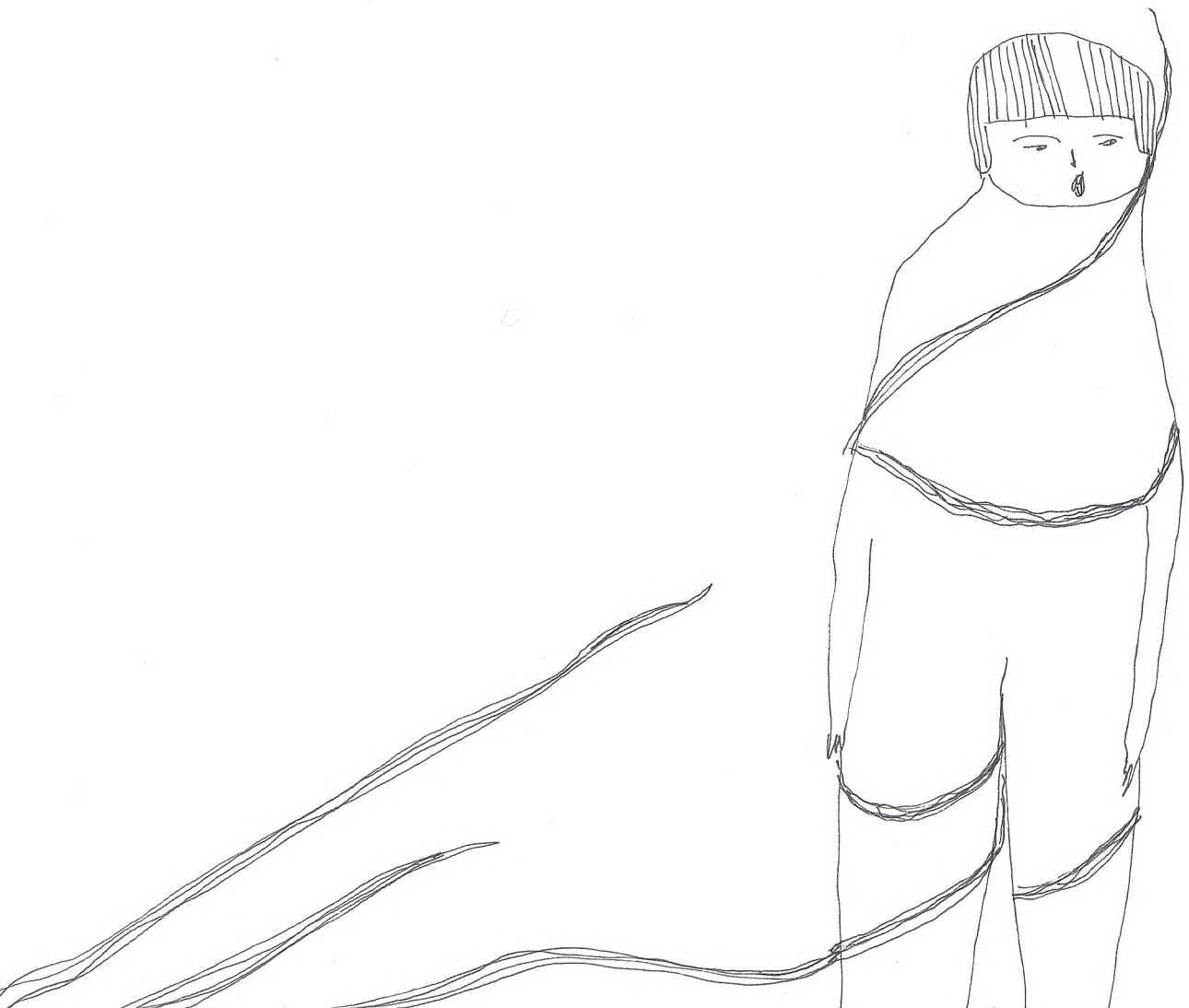


O Homem Permanecido, aquarela sobre papel, 2024, 18,5 x 17,5 cm.



Meu dedo no teu olho, água forte, 2001–2002

O Homem Permanecido, nanquim sobre papel, 2023, 17 x 26 cm.





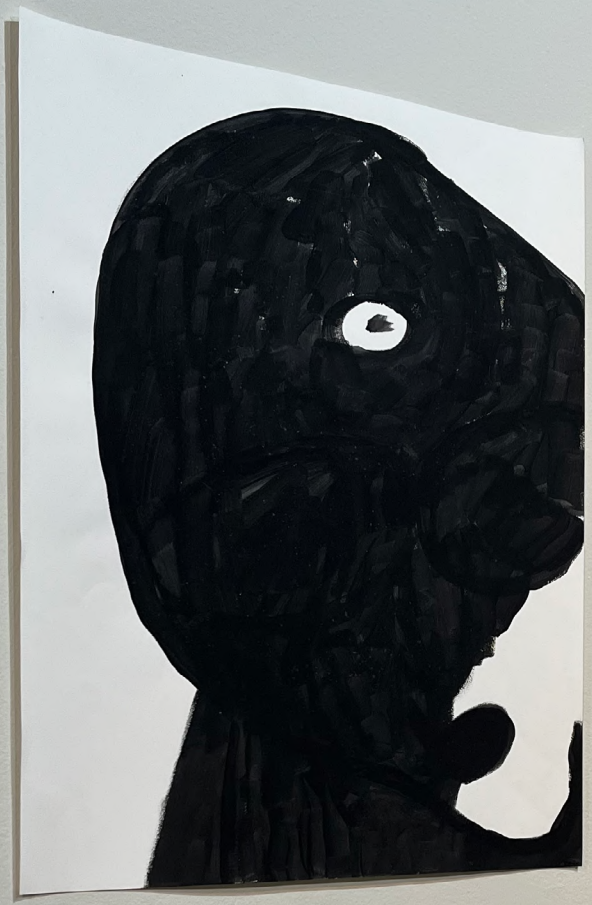
Eu sou uma pizza, acrílica sobre papel, 2010, 65 cm altura x 50 cm largura.

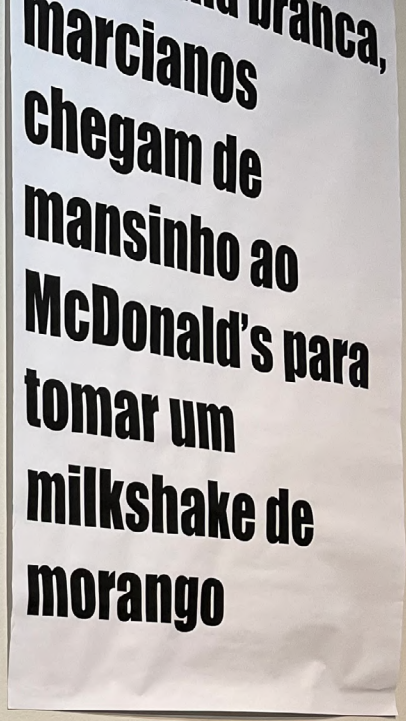
registros da exposição
“o menino com coração de pizza e dentes de ouro”


vampiro
pergunta
sobre amor, o
que você
responde?
Na manhã branca,
marcianos
chegam de
mansinho ao
McDonald's para
tomar um
milkshake de
morango
Todos os
meus
amigos
são
vampiros



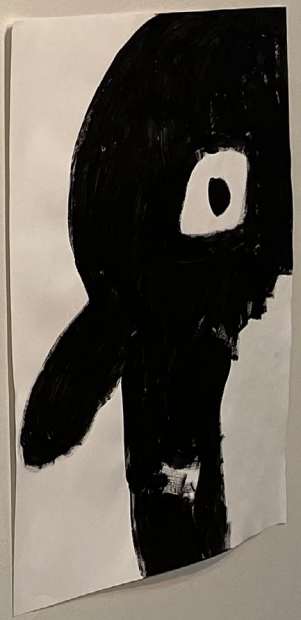





branca,
marcianos
chegam de
mansinho ao
McDonald's para
tomar um
milkshake de
morango













reflexões sobre a exposição
“o menino com coração de pizza e dentes de ouro

“Não pise em nós!”, anunciam os tapetes. “Não babe, não morda, não abrace, não se aproxime. Só olhe!”. Mas o objetivo seria ir além. Estou aqui a ser observado por diversas figuras. Personagens de histórias que não se completam, apenas se anunciam, balbuciando ao invés de falar. A palavra aparece em diversos trabalhos. Seria ela a condutora da narrativa? Acredito que se emaranhe com as imagens, seja nas gravuras da série “Ópio e poesia” ou na série “Deveríamos ser limpos”. Ela é um rastro por vezes indecifrável, resquício de gestos, que se mostram mais imprecisos e vacilantes. Nesta sala temos homens frágeis, em busca do sagrado. Eu queria me deitar neste tapete e sonhar. Mas o sonho é sinal de perigo. No fundo da sala tem uma série de gravuras de paisagens. Paisagens subterrâneas, subjetivas, cheias de olhos. Mais uma vez sou observado. E se o amor do Cachorro Louco pela Salsicha Veloz fosse verdadeiro? Será que isso importa? Há aqui mais ficção que confissão. Esse Cachorro Louco, essa pintura louca e cor-de-rosa. Tons de carne viva e pulsante. Afinal, Cachorro Louco tem tesão. E a Salsicha Veloz está sempre triste, encolhida. A baba escorre verde e pegajosa. A lágrima é verde e pegajosa, o vômito é verde e pegajoso. Amor e repulsa juntos. E eu querendo sonhar, babar e gozar em meio à terra como o Homem Permanecido, mastigando a si próprio em busca de alimento. Mais um dentre os solitários. Aqui, aquarelas, desenhos a nanquim e texto trazem à tona um homem, um homem que se multiplica em outros. Um homem que evoca o herói, porém um herói em ruína,

decadente. Ele mostra sua língua, sua baba, sua linguagem. Ele se dilui na paisagem. Uma paisagem interior feita de montanhas e galhos retorcidos. Sementes de sangue fazem brotar outros homens. E, quando esses desenhos se movimentam em um vídeo, somos chamados a escapar do afogamento. A narrativa se dá em ciclos repetitivos, que confundem o tempo. Do corpo de um homem nasce outro ser. Temos no vídeo abraço e homens amontoados que babam. Todos os meus amigos são vampiros. A frase afirmativa revela sua conexão com a noite, com seres marginalizados: vampiros, marcianos, entre outros. Nessa grande teia armadilha ficam evidentes as influências da minha produção - quadrinhos, literatura, cinema, videogame. A série de gravuras “Meu dedo no teu olho” resgata a “História do olho”, de Bataille. O olho que tudo vê está na paisagem, um olho que é ovo, que é promessa e nascimento. Bataille também é referencial no erotismo presente nos trabalhos. Mais evidente na série de desenhos e textos “O Homem Permanecido”. Na relação entre o personagem e a terra. Nas suas conexões e trocas. Mas há também uma dose de terror na exposição: a morte, os vampiros. A série de gravuras “Deveríamos ser limpos” vai além da higiene física, pra levantar questões mais profundas. A série de gravuras “Ópio e poesia”, que traz a referência da página de uma história em quadrinhos, se conecta com as gravuras de William Blake. As ideias de inocência perdida e infância corrompida não estão evidentes, porém cercam os trabalhos. O seu título original era “Agora as crianças leem poesia, fazem sexo e fumam ópio”. A construção de Blake, com a inserção de textos e aquarelas nas suas gravuras, me instigou a pensar a gravura como cópia única. A inserção de

textos de livros de poesia constrói mais uma camada nas imagens. E anuncia a importância do texto em minha produção artística. Que vem se desdobrando em livros publicados, cartazes, histórias em quadrinhos, vídeos. Esse procedimento de cópia e colagem de textos se tornou uma prática comum em minhas pesquisas e criações. Vou me apropriando de textos de autores diversos, que venho lendo desde minha formação acadêmica: Bataille, Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu, Sylvia Plath, entre tantos. No desenho e pintura me interessa a crueza de Philip Guston. Sou verdadeiramente fascinado pelas suas pinturas em tom de carne, que remetem a histórias em quadrinhos ou desenhos animados. Cachorro Louco e o amor por uma Salsicha Veloz são pequenas pinturas em acrílica sobre papel que revivem o uso das cores em minha produção, tão escassa de cor. A cor aparece nos tapetes: o vermelho vivo da tapeçaria é como sangue vivo. Já na tapeçaria “O abraço” os tons pastel enfatizam o universo infantil dos desenhos animados. O que interconecta toda essa produção exposta é a vontade dilacerante de contar histórias. Histórias que se encontram e desencontram. Histórias sem começo, meio ou fim evidentes. Que falam sobre dor, amor, solidão, angústia, sonho. Mas não são autobiográficas, são ficção - ficção sobre a vida desses tantos personagens. O que o Homem Permanecido e Cachorro Louco têm a dizer de mim? Não sei ao certo, gosto de pensar realmente que esses trabalhos são os vestígios, os rastros de uma passagem. Me vejo como um caminhante percorrendo terras desconhecidas e deixando seus registros, suas impressões sobre a vida de fora que repercute na experiência do eu. Não são relatos do que eu vivi realmente: a vida tem uma dimensão muito

maior, que me escapa. Me interessam nas criações as possibilidades de ser outro. Ser personagens que não são eu. Para mim isso é muito mais interessante que pensar em autobiografia. Hoje quero tornar-me um dragão. Quero dançar ao som de serras elétricas.

Luiz Rodolfo Annes, 2025.

Luiz Rodolfo Annes

É bacharel em Pintura pela EMBAP, inicia sua produção de desenhos e textos ainda durante a graduação. Em 2001, participa da exposição Os Dragões não Conhecem o Paraíso, no Centro Cultural São Paulo. Entre 2001 e 2004, integra diversas mostras individuais e coletivas, explorando o desenho sobre papel e discutindo questões relacionadas ao corpo, sexualidade, desenho e escrita. A partir de 2005, suas obras ganham novos suportes: o desenho e as pequenas narrativas expandem-se para animações, tapeçarias e ilustrações digitais.

É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo (linha de pesquisa: Processos de Criação) da Universidade Estadual do Paraná. Atualmente, é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (linha: Processos de Criação) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

https://www.instagram.com/luizrodolfoannes/
https://vimeo.com/user12807878
https://bit.ly/3A4f1q5.

Patricia Stuart

Trabalha e reside em Curitiba. Mestra em Teoria e História da Arte pelo PPGAV/UDESC e doutoranda em Estudos Literários pelo PPGL/UFPR, na linha de pesquisa Alteridade, Mobilidade e Tradução. Participa de exposições como artista, curadora e arte educadora desde o ano de 2006, atuando em projetos independentes e institucionais. Desenvolve sua pesquisa e produção tendo como foco as relações entre arte contemporânea e literatura. Atualmente pesquisa sobre como a arte contemporânea cria “o corpo da” ou “um corpo para a” poesia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

REITOR Marcos Sfair Sunye
VICE-REITORA Camila Girardi Fachin
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA Andréa Berriel Mercadante
COORDENADORA DE CULTURA Lais Murakami

MUSEU DE ARTE DA UFPR

ADMINISTRATIVO Juliana Z. Barbosa
PRODUÇÃO CULTURAL Marcelle Cortiano
BOLSISTAS Astrud Barbosa | Felipe Cardoso de Biagi Silos
Isabelle Victória Barbosa Andrade | Lucas Lage | Thais Wroblewski
RECEPÇÃO Bernadete Feliciano de Lima
MONITORAMENTO E VIGILÂNCIA David da Mota Santos

O MENINO COM CORAÇÃO DE PIZZA E DENTES DE OURO / LUIZ RODOLFO ANNES

CURADORIA Luiz Rodolfo Annes | Patrícia Stuart
EXPOGRAFIA Luiz Rodolfo Annes | Patrícia Stuart
PRODUÇÃO Marcelle Cortiano | Juliana Z. Barbosa
MONTAGEM Cesar Augusto Alvarenga Ribeiro | Luiz Rodolfo Annes | Patrícia Stuart | Marcelle Cortiano | Juliana Z. Barbosa
Felipe Cardoso de Biagi Silos | Lucas Lage | Thais Wroblewski
AÇÕES EDUCATIVAS E MEDIAÇÃO Marcelle Cortiano | Juliana Z. Barbosa
Astrud Barbosa | Felipe Cardoso de Biagi Silos | Isabelle Victória Barbosa Andrade
Lucas Lage | Thais Wroblewski
COMUNICAÇÃO MusA-UFPR | SUCOM-UFPR
IDENTIDADE VISUAL E DESIGN GRÁFICO Claudio Moreira
MANUTENÇÃO E PINTURA Agilson Rodrigues da Luz e equipe
LIMPEZA E SERVIÇOS GERAIS Maria Zilda Neves Mycykowski e equipe

---

REALIZAÇÃO
MUSEU DE ARTE DA UFPR – MusA-UFPR
COORDENADORIA DE CULTURA – COC
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA – PROEC

MusA MUSEU DE ARTE da UFPR | Coordenadoria de Cultura | PROEC Pró-Reitoria de Extensão e Cultura | UFPR